

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

CENTRO DE ARTES E LETRAS

CURSO DE GRADUAÇÃO

EM LETRAS – PORTUGUÊS E LITERATURAS A DISTÂNCIA

ESTUDOS DE MORFOLOGIA DO PORTUGUÊS DE ACORDO COM A GRAMÁTICA NORMATIVA

DCG – Disciplina complementar de Graduação



Ministério
da Educação



Presidente da República Federativa do Brasil

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministério da Educação

Ministro do Estado da Educação Fernando Haddad
Secretária da Educação Superior Maria Paula Dallari Bucci
Secretário da Educação a Distância Carlos Eduardo Bielschowsky

Universidade Federal de Santa Maria

Reitor Felipe Martins Müller
Vice-Reitor Dalvan José Reinert
Chefe de Gabinete do Reitor Maria Alcione Munhoz
Pró-Reitor de Administração André Luis Kieling Ries
Pró-Reitor de Assuntos Estudantis José Francisco Silva Dias
Pró-Reitor de Extensão João Rodolpho Amaral Flôres
Pró-Reitor de Graduação Orlando Fonseca
Pró-Reitor de Planejamento Charles Jacques Prade
Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa Helio Leães Hey
Pró-Reitor de Recursos Humanos Vania de Fátima Barros Estivaleta
Diretor do CPD Fernando Bordin da Rocha

Coordenação de Educação à Distância

Coordenador CEAD Fabio da Purificação de Bastos
Coordenador UAB Carlos Gustavo Martins Hoelzel
Coordenador de Pólos Roberto Cassol
Gestão Financeira Daniel Luís Arenhardt

Centro de Artes e Letras

Diretor do Centro de Artes e Letras Edemur Casanova
Coordenadora do Curso de Graduação Letras/Português Ceres Helena Ziegler Bevilaqua

Elaboração do Conteúdo

Professora pesquisadora/conteudista Maria Eulália Tomasi Albuquerque

**Equipe Multidisciplinar de Pesquisa e
Desenvolvimento em Tecnologias da Informação
e Comunicação Aplicadas à Educação**

Coordenadora da Equipe Multidisciplinar Elena Maria Mallmann
Materiais Didáticos Volnei Antônio Matté
Desenvolvimento Tecnológico André Zanki Cordenonsi
Capacitação Ilse Abegg

Produção de Materiais Didáticos

Designer Evandro Bertol
Designer Marcelo Kunde

Orientação Pedagógica Diana Cervo Cassol

Revisão de Português Marta Azzolin
Samarlene Pilon
Sílvia Helena Lovato do Nascimento

Ilustração Cauã Ferreira da Silva
Natália de Souza Brondani

Diagramação Emanuel Montagnier Pappis
Maira Machado Vogt

Suporte Moodle Ândrei Camponogara
Bruno Augusti Mozzaquatro

SUMÁRIO

À GUIA DE EXPLICAÇÃO	5
APRESENTANDO A DISCIPLINA	6
Objetivos da disciplina	6
Metodologia.....	6
UNIDADE I	
A MORFOLOGIA E OS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS:	7
Aula 1 – O descritivismo, o historicismo, o estruturalismo e o gerativismo.....	7
Aula 2 – As quatro correntes linguísticas: descritivismo, historicismo, estruturalismo e gerativismo – uma percepção teórica mais detalhada	14
UNIDADE II	
CLASSIFICAÇÃO DE PALAVRAS	16
Aula 3 – Critérios	16
Aula 4 – Descrição gramatical de classes: substantivo, adjetivo, artigo	18
Aula 5 – Descrição gramatical de classes: numeral, verbo, advérbio.....	21
Aula 6 – Classes de palavras e categorias lexicais	24
UNIDADE III	
CRITÉRIOS DE CLASSIFICAÇÃO DE PALAVRAS	26
Aula 7 – Os substantivos	26
Aula 8 – Os adjetivos	30
Aula 9 – As preposições.....	34
Aula 10 – As conjunções.....	38
Aula 11 – Os pronomes	43
Aula 12 – Os verbos	47
BIBLIOGRAFIA	50

À GUIA DE EXPLICAÇÃO

O objetivo deste material didático é orientar o processo de ensino-aprendizagem do aluno para que ocorra de forma interativa. Para isso, nós – professora Maria Eulália Tomasi Albuquerque, tutores Cristiano Egger Veçossi, Ana Cecília Teixeira Gonçalves, Fabrícia Cavichioli Braida – preparamos este material de apoio, mas que, de forma alguma, substitui a pesquisa do aluno em gramáticas e em artigos.

É importante que nosso aluno não esqueça que seu esforço, estudo e participação são indispensáveis para que o caminho seja percorrido e concluído com sucesso.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a gentileza e a compreensão do Grupo RBS, que permitiu usarmos as tirinhas “Tira-Teima” no desenvolvimento das aulas.

Agradecemos também, da mesma forma, a Elias e a Renato Rekern cujos trabalhos – três charges e três tirinhas – enriquecem este material.

APRESENTANDO A DISCIPLINA

OBJETIVOS DA DISCIPLINA

- Refletir/debater temas de morfologia do português em gramática normativa, apontando lacunas/imprecisões.
- Aplicar a teoria em exercícios.

METODOLOGIA

O conteúdo programático de Seminário de Estudos de Morfologia do Português de Acordo com a Gramática Normativa está dividido em três grandes unidades – (1) A morfologia e os estudos linguísticos, (2) classificação de palavras, (3) critérios de classificação das palavras – que são fracionadas em unidades menores.

A metodologia usada no desenvolvimento da disciplina caracteriza-se pela interatividade entre alunos e professores, entre alunos e tutores, entre professora e tutores, para que o caráter teórico-prático das atividades conduza ao conhecimento. Para tanto, associamos teoria e prática – porque não há teoria imobilizada, nem a prática isolada – trazendo textos teóricos para auxiliar a reflexão e análise a respeito de questões de morfologia gramatical tanto em forma de exercícios, quanto de pesquisas e de avaliações.

UNIDADE I

A MORFOLOGIA E OS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS:

- **DESCRITIVISMO**
- **HISTORICISMO**
- **ESTRUTURALISMO**
- **GERATIVISMO**

Nesta unidade, veremos que é possível apontar quatro grandes correntes – o descritivismo, o historicismo, o estruturalismo e o gerativismo – cujo objetivo é descrever e analisar o componente morfológico das línguas.

AULA 1 – O DESCRITIVISMO, O HISTORICISMO, O ESTRUTURALISMO E O GERATIVISMO

OBJETIVOS

- Analisar as características de cada uma dessas escolas.
- Observar os diferentes critérios empregados para o estudo da língua.
- Explicitar um paralelo entre as correntes estudadas.

INTRODUÇÃO

Nesta aula, trabalharemos quatro escolas diferentes que têm o objetivo de descrever e analisar o componente morfológico das línguas. É importante identificar as características de cada uma e observar os seus critérios para se estudar a língua. Também, buscaremos, a partir da leitura realizada e do conhecimento de seus principais autores, a diferenciação entre elas.

DESENVOLVIMENTO

O vocábulo *morfologia* está ligado ao estudo da forma. Para se entender a abrangência desse conceito, deve-se saber que o termo “forma”, de acordo com Rosa (2000, p. 15), compreende dois níveis de realização: “os sons, destituídos de significado mas que se combinam e formam unidades com significado; e as palavras, as quais, por sua vez, têm regras próprias de combinação”. Assim, em morfologia, há duas unidades diferentes como foco de interesse: a palavra e o morfema. O objetivo de uma teoria morfológica, dessa forma, pode ser entendido como o de “definir as novas palavras que os falantes podem formar”, ou seja, precisar as regras que estão em jogo quando uma palavra é constituída (ROCHA, 1998, p. 23).

Conforme Rocha (1998), é possível distinguir quatro grandes correntes cujo objetivo é descrever e analisar o componente morfológico das línguas. São elas: o descritivismo, o historicismo, o estruturalismo e o gerativismo. A partir de agora, analisar-se-ão as características de cada uma dessas escolas.

Descritivismo

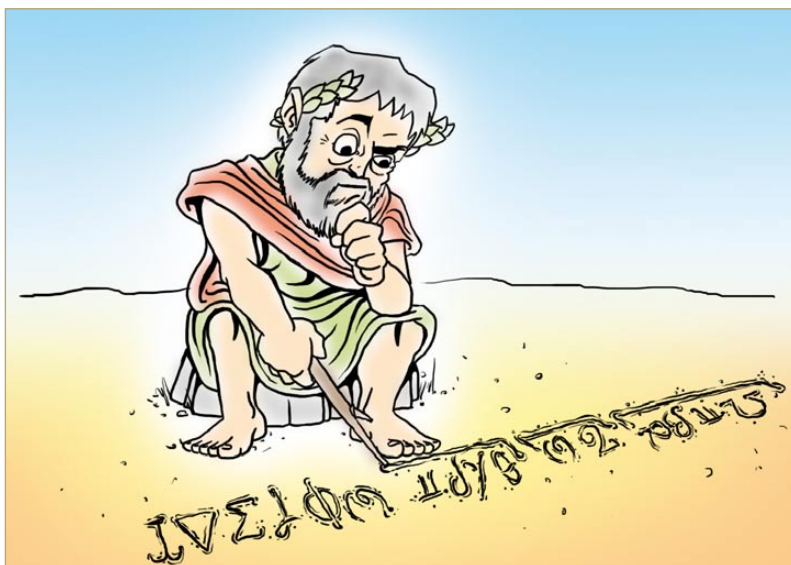
É um modelo de estudo da língua (ou da morfologia) preocupado com a descrição e fixação de paradigmas. Tem origem com os gramáticos e filósofos gregos. Segundo Rocha (1998), os gregos tinham a preocupação de relacionar lógica e linguagem. Intrigados com a questão da regularidade e da irregularidade na linguagem, eles tentaram fixar paradigmas, como as “declinações e conjugações” (p. 25).

Dessa maneira, baseados na filosofia lógica os **GREGOS** desenvolveram gramáticas que traziam estudos de fonética, do vocabulário e da oração.

Pode-se perceber a influência que a cultura grega – e latina –, com seu enfoque lógico, exerceu sobre as gramáticas escritas nos primeiros séculos. Rocha (1998) afirma que, principalmente, após a Idade Média (séc. XVII), a gramática descritivista greco-latina ressurge com grande força.

⚠️ ATENÇÃO

Aristóteles foi o primeiro a apresentar as partes do discurso: substantivo, verbo e partículas e o primeiro a falar acerca da estrutura da oração sujeito (nome) e predicado (verbo). (ROCHA, 1998, p. 25)



Historicismo

Concepção essencialmente histórica dos estudos linguísticos que surgiu no século XIX, quando os estudiosos da área concluíram que algumas línguas como o português, o francês, o italiano, entre outras, tinham origem no latim (mais especificamente do latim-vulgar). Daí, surge a Filologia Românica, responsável por um grande impulso aos estudos linguísticos e por influenciar fortemente a concepção dos estudos gramaticais. Conforme Rocha (1998), um

aspecto importante trazido por essa corrente foi a abordagem **DIA-CRÔNICA** da linguagem. O historicismo, no entanto, deixou de lado as observações sobre o funcionamento da língua em uso.

A gramática histórica ou comparada apresentou um interesse superficial pela constituição da palavra. Isso se deve a duas razões: primeiramente, em função do domínio ainda existente dos ideais clássicos “que atrelavam o modelo lexical a uma visão padronizada da realidade linguística”; também, pelo fato de que a corrente histórica delimitava os estudos linguísticos como exemplos “crystalizados”, o que dificultava muito o estudo do “vocabulo em formação” (ROCHA, 1998, p. 26). Desse modo, não houve pesquisas relacionadas com a produtividade, visto que a preocupação central era a evolução da palavra como um todo.

Estruturalismo

No início do século XX, o pensamento ocidental foi marcado por um autor que estabeleceu um marco, uma nova ordem nos estudos sobre o fenômeno linguístico. Foi com *Ferdinand de Saussure* e com sua célebre obra, *Curso de Linguística Geral* (1916), que a linguística ganhou a condição de ciência da linguagem.

Para Saussure (1972), a língua é um sistema de signos. Os signos, por sua vez, são unidades constituídas de um significante (imagem acústica) e de um significado (conceito).

É importante compreender a noção de valor atribuída à língua pelo teórico: a língua é um sistema de valores constituído por diferenças. Nesse sentido, os elementos da língua só adquirem valor à medida que se opõem a outros, mas com eles não se confundem. Não há nenhuma motivação para que se chame um determinado animal de “cachorro”: o importante é compreender que, no sistema da língua, a palavra “cachorro” se opõe a “gato”, por exemplo.

Assim, como a parte conceitual do valor é formada por relações e diferenças com os demais termos da língua, o mesmo acontece com a parte material. Conforme Saussure (1972), o que importa na palavra não é o som, mas as diferenças fônicas que permitem distinguir essa palavra das demais existentes na língua (ex.: **p**ato e **b**ato).

Tal é a importância desse princípio, que ele se aplica a todos os elementos materiais da língua, por exemplo, aos fonemas, que são “entidades opositivas, relativas e negativas”. Assim, o sistema de elementos sonoros de um idioma é caracterizado pelo fato de seus componentes não se confundirem entre si (p. 138). Conclui-se, dessa forma, que o valor existe tanto no plano do significante (/pato/ e /gato/), quanto do significado (/gatoø/ e /gatos/) (CARVALHO, 1991).

Pela teoria do valor linguístico, a ênfase é dada à natureza opositiva do signo. Os componentes do signo saussuriano estão em oposição a todos os outros significantes e significados presentes na língua.

ATENÇÃO

Diacronia: estudo que leva em consideração as mudanças que a língua sofre ao longo do tempo.

Sincronia: estudo da língua a partir de um recorte temporal, ou seja, do estágio a que uma determinada língua chegou num dado momento de sua história.

SAIBA MAIS

Nos estudos tradicionais, em que a palavra era vista como o centro da gramática, a noção de raiz torna-se central, uma vez que permite averiguar o estágio evolutivo em que se encontra determinada língua. Também, permite estabelecer o estágio de separação da língua que lhe deu origem (ROSA, 2000).

Pode-se dizer, então, que os fonemas, os morfemas, os vocábulos, as frases, enfim, as formas linguísticas são valores que se opõem entre si, formando as mais diversas estruturas da língua (DOSSE, 1994).

O valor do signo é determinado pelo contexto em que está inserido; depende da relação com outros signos, isto é, da diferença existente entre eles. É necessário lembrar que os signos atuam não por seu valor intrínseco, mas por sua posição relativa.

Entende-se o caráter social atribuído à língua por Saussure pelo fato de que esse sistema é criado por uma comunidade linguística e historicamente transformado. Ao falar sobre as características da língua, Saussure (1972) a define como a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo que sozinho não pode criá-la e nem mesmo mudá-la; "ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade" (p. 22). O indivíduo, no entanto, por estar inserido em uma comunidade linguística, precisa aprender como se dá o funcionamento desse sistema, através do contato com essa mesma comunidade, o que ocorre desde a infância. O autor ainda acrescenta que a língua apresenta uma natureza homogênea, uma vez que se constitui em um sistema de signos formados pela união essencial do significado e da imagem acústica. No entender do autor, essas duas partes do signo linguístico são igualmente psíquicas. A língua então é um produto social ou coletivo; um conjunto de convenções cuja aprendizagem é necessária para que os falantes tenham a possibilidade de se comunicarem.

Paralelo aos estudos estruturalistas europeus, surge o estruturalismo norte-americano, cujos principais nomes são: Edward Sapir e Leonard Bloomfield. Pode-se observar que "essa corrente apresentou um caráter eminentemente prático, utilitarista" ao analisar o fenômeno linguístico. Como estavam preocupados com a extinção das línguas indígenas do território norte-americano, os linguistas passaram a descrevê-las (ROCHA, 1998, p. 27).

É importante ressaltar que estes estudiosos se diferenciam dos gregos e latinos porque sua tarefa não foi apenas descritivista. Estavam fundamentados na noção de estrutura, característica dessa corrente. Em seus estudos descritivos, os estruturalistas chegaram ao conceito de MORFEMA, definido como a menor unidade significativa da palavra (ROCHA, 1998).



Tira-Teima Rekern (Zero Hora, 14/12/2009)

A partir dessa perspectiva, ao se analisar os vocábulos da tirinha: *esmolinha* e *empobrecido*, por exemplo, é possível perceber que são compostos por diferentes morfemas: *esmol* (radical), *inh* (sufixo), *a* (vogal temática); *em* (prefixo), *pobr* (radical), *ecid* (sufixo), *o* (vogal temática).

A escola **ESTRUTURALISTA** conseguiu desenvolver rigorosamente a percepção do sentido dos morfemas, que foi a preocupação básica desse movimento linguístico. Sobre esse aspecto, Rocha (1998) cita duas preocupações básicas da corrente estruturalista: em primeiro lugar, buscou-se fazer a identificação dos morfemas; em um segundo momento, proceder à classificação dos mesmos.

SAIBA MAIS

O modelo estruturalista, no qual se estudavam os morfemas, ficou conhecido como "Elemento" e "Arranjo". (ROCHA, 1998, p. 27)

Aspectos positivos do Estruturalismo na Linguística

Ao se analisar o movimento estruturalista e o que foi feito na Linguística a partir dele, pode-se perceber que um dos principais pontos a serem considerados é a questão da cientificidade. O estruturalismo ficou conhecido pelo caráter científico que seus trabalhos concederam à Linguística. É importante salientar outro fato importante observado por Rocha (1998), segundo o qual o estruturalismo americano ao se interessar pela análise de línguas indígenas excluiu de sua perspectiva qualquer atitude preconceituosa, defendendo que qualquer língua equivalia-se às línguas clássicas no que diz respeito ao interesse científico.

Pelos estudos estruturalistas, pode-se concluir que a língua é um sistema de valores, que se constitui numa relação de oposição, uma vez que os elementos da língua só adquirem valor quando se opõem a outros, numa relação de diferenças. Os elementos linguísticos formam uma estrutura cujo valor está no próprio sistema; não é preciso analisar sua ocorrência para se estudar o fenômeno linguístico. Assim, deve-se observar a língua como um sistema que não engloba a fala individual dos falantes em contextos diversos. Vale ressaltar que essa análise é feita mediante um corte sincrônico.

Segundo Rocha (1998), por haver interesse dos linguistas norte-americanos em identificar e classificar os morfemas, pode-se dizer que a morfologia teve grande progresso no estruturalismo.

Gerativismo

É possível afirmar que o gerativismo apresentou uma outra perspectiva de estudo da linguagem, que se diferenciava visivelmente do estruturalismo. O estruturalismo norte-americano, por exemplo, preocupava-se com a questão procedimental, desconsiderando uma análise mais profunda sobre a língua. Para os gerativistas, essa era uma postura muito superficial. Ao falar sobre a linguagem, o principal representante do movimento, *Noam Chomsky*, afirma que esta é algo profundo, inerente à condição humana. Segundo o linguista,

A linguagem humana é livre de controle de estímulos e não serve a uma função meramente comunicativa, mas é antes um instrumento para a livre expressão do pensamento e para a resposta apropriada às novas situações. (CHOMSKY, 1972, p. 23 apud ROCHA, 1998, p. 29)

Nessa perspectiva, a linguagem é um órgão do pensamento, e não poderia ser apenas considerada um instrumento de comunicação social. De acordo com Pezatti (2004), Chomsky defende que a linguagem não é uma consequência da comunicação (um sistema comunicativo sofisticado); ao contrário, a linguagem é uma mutação genética que possibilitou ao indivíduo uma organização mental. Confundir-se-ia, assim, com a essência do próprio homem.

No campo da morfologia, a abordagem gerativista também se diferenciou da perspectiva estruturalista. Nesta, pode-se notar que a preocupação consistia em descrever as línguas, separando os morfemas e os classificando, numa operação de fora para dentro. Na abordagem gerativista, os linguistas se preocupam em explicitar a competência que um falante nativo tem em relação ao léxico de sua língua, ou melhor, a capacidade que este falante tem de “formar novas palavras, de rejeitar outras, de estabelecer relações entre itens lexicais, de reconhecer a estrutura de um vocábulo” (ROCHA, 1998, p. 30).

Nesse sentido, chegou-se a questionar a finalidade, para um **ESTUDO MORFOLÓGICO** derivacional, de se identificar e classificar morfemas; de analisá-los como entidades linguísticas. Alguns estudiosos dessa corrente defendem que esse tipo de análise não passa de uma repetição desnecessária. É preciso entender que os vocábulos são formados por regras e sua análise deve ser feita a partir de regras também. Portanto, a morfologia de uma língua não estaria voltada para a identificação e classificação de entidades, mas, ao contrário, consistiria em um conjunto de regras que explicariam as mudanças nas formas existentes e a relação destas com outras formas (ROCHA, 1998).

Rocha afirma que Chomsky identificou dois tipos de estrutura que fazem parte de uma língua as quais chama de profunda e superficial. A estrutura profunda seria responsável por apresentar as construções fixas, regulares e constantes: sujeito + predicado, verbo transitivo direto + objeto direto, determinado + determinante etc; já as estruturas

ATENÇÃO

O modelo de análise linguística da morfologia proposto pelos gerativistas ficou conhecido “Elemento” e “Processo”. (ROCHA, 1998, p. 31)

superficiais seriam as realizações, ou seja, as manifestações da estrutura profunda. Rocha observa que são as regras de transformação as responsáveis pela passagem da primeira para a segunda. O autor, ainda, salienta que a estrutura profunda gera estruturas superficiais o que explicaria o conceito de Gramática Gerativo-transformacional.

CONCLUSÃO

Nesta aula, observamos as características de quatro escolas diferentes que têm o objetivo de descrever e analisar o componente morfológico das línguas. Também, analisamos os critérios utilizados pelas correntes para se estudar a língua.

SINTETIZANDO O QUE VOCÊ ESTUDOU NESTA AULA

- Definição das quatro grandes correntes que descrevem e analisam o componente morfológico das línguas: o descritivismo, o historicismo, o estruturalismo e o gerativismo.
- Observação dos critérios empregados para o estudo da língua nas diferentes correntes estudadas.

AULA 2 – AS QUATRO CORRENTES LINGÜÍSTICAS: DESCRITIVISMO, HISTORICISMO, ESTRUTURALISMO E GERATIVISMO – UMA PERCEPÇÃO TEÓRICA MAIS DETALHADA

OBJETIVOS

- Identificar a principal preocupação teórica das quatro correntes linguísticas.
- Observar os conceitos, expressões e/ou palavras-chave dessas correntes.
- Identificar os avanços de uma corrente para outra, levando em consideração a língua como objeto de estudo.

INTRODUÇÃO

Nesta aula, abordaremos, mais detalhadamente, as quatro correntes linguísticas introduzidas na Aula 1. Para isso, selecionamos quatro artigos sobre as respectivas correntes, os quais se apresentarão organizados da seguinte forma:

Texto 1 – Corrente linguística: Descritivismo.

Título do artigo: O positivismo na teoria descritivista de Bloomfield

Autor: Roberlei Alves Bertucci

Texto 2 – Corrente linguística: Estruturalismo

Título do artigo: Estruturalismo linguístico

Autora: Giselda dos Santos Costa

Texto 3 – Corrente linguística: Gerativismo

Título do artigo: Gerativismo

Autor: Eduardo Kenedy

Texto 4 – Corrente linguística: Historicismo

Título: Os estudos sobre linguagens: uma história das ideias

Autor: Eduardo Guimarães

Os quatro artigos citados foram selecionados com o intuito de proporcionar a você, aluno, um panorama ampliado acerca das quatro correntes linguísticas – Descritivismo, Gerativismo, Estruturalismo e Historicismo.

EXERCÍCIO

Consulte o ambiente ou entre em contato com o seu professor ou tutor para saber mais detalhes sobre as atividades referentes aos assuntos vistos até aqui.

CONCLUSÃO

Nesta aula, a partir da leitura de artigos científicos, buscamos abordar, com mais detalhes, as quatro correntes linguísticas estudadas na primeira aula.

Sintetizando o que você estudou nesta aula

- Definição dos principais pontos teóricos enfocados pelas correntes linguísticas – Descritivismo, Gerativismo, Estruturalismo e Historicismo.
- Relação das acepções teóricas entre as correntes linguísticas: suas aproximações e/ou distanciamentos.

Endereço para pesquisa dos quatro artigos:

- **Texto 1** – www.revista2.uepg.br/index.php/humanas/article/viewfile/620/608
- **Texto 2** – www.giseldacosta.com.br/public/2063971-estruturalismo-linguistico.pdf
- **Texto 3** – www.eduardokenedy.net/artigos_arquivos/gerativismo.pdf
- **Texto 4** – www.comciencia.br/reportagens/linguagem/lin14.htm

UNIDADE II

CLASSIFICAÇÃO DE PALAVRAS

- Critérios
- Descrição gramatical de classes

Nesta unidade, veremos que as palavras da língua portuguesa podem ser classificadas segundo diferentes critérios.

AULA 3 – CRITÉRIOS

OBJETIVOS

- Analisar e descrever critérios que fundamentam a classificação morfológica das palavras.
- Identificar e comparar classes de palavras.
- Distinguir *classes* de *funções*.

INTRODUÇÃO

Vamos iniciar nosso estudo sobre critérios que ancoram a classificação de palavras em **CLASSES** por meio de cinco questões norteadoras:

- O que entendemos por critério?
- O que caracteriza um critério?
- Qual a importância dos critérios na classificação de palavras?
- Como podemos classificar as palavras da língua portuguesa?
- O que distingue uma classe de função?

DESENVOLVIMENTO

As palavras da língua portuguesa podem ser analisadas segundo diferentes critérios:

- critério morfológico** – que se fundamenta no estudo da forma, ou seja, em “propriedades da forma gramatical que podem apresentar” (CÂMARA JR., 1975, p.67);
- critério funcional** – que aborda a função na frase, ensina o nome de partes do discurso dado às classes de vocábulos (CÂMARA JR, 1977, p. 72). Por exemplo, a distinção entre substantivo e adjetivo é funcional: o adjetivo determina o substantivo.
- critério semântico** – que trata da natureza da significação. Por exemplo, a distinção entre substantivo e verbo é mórfica e semântica.

Neste estudo, distinguimos os conceitos de **classe** gramatical e de **função**. Lembramos que o nome e o verbo, por exemplo, enquadram-se no âmbito da **classe**; por outro lado, o substantivo, o adjetivo e o advérbio, por exemplo, sinalizam para **funções**.

SAIBA MAIS

O grego Dionísio da Trácia foi quem primeiro distribuiu as palavras em classes. A sua classificação foi adotada, com modificações, no latim e, posteriormente, chegou às línguas européias modernas. Todavia essa classificação recebe críticas, porque Dionísio da Trácia empregou três critérios heterogêneos ou englobou num mesmo quadro o que se enquadra em divisão de hierarquias e de sub-hierarquias.

ATENÇÃO

Na identificação da classe intervêm os critérios mórfico e semântico. Por exemplo, no estudo do verbo, identificamos dois tipos de desinências: modo-temporal e número-pessoal. → Na classe dos *nomes* estão os substantivos, os adjetivos, os pronomes, os numerais, os advérbios –por terem comportamento similar. Já no caso das *funções* buscamos a relação entre os termos. Por isso, o nome pode exercer funções diferentes em distintos contextos. Vejamos: (1) Aperta forte. → o nome “forte” exerce a função de advérbio neste enunciado. (2) O homem forte venceu ao homem fraco. → o nome “forte” exerce a função, neste enunciado, de adjetivo. (3) O forte vence. → o nome “forte” exerce a função de substantivo neste enunciado.

Então:

1. o substantivo é o determinado;
2. o adjetivo é o determinante.

As **classes** são determinadas por meio das desinências próprias de cada uma delas (número, gênero, número-pessoais...).

As **funções** remetem às funções exercidas pelos vocábulos no sintagma.

Vejamos no sintagma → Menino estudioso.

- o adjetivo “estudioso” determina o substantivo “menino”;
- “menino” é o termo determinado.

AULA 4 – DESCRIÇÃO GRAMATICAL DE CLASSES: SUBSTANTIVO, ADJETIVO, ARTIGO

OBJETIVOS

- Descrever nome.
- Descrever função.

O estudo das classes de palavras remete aos constituintes morfe-máticos, como os nomes e os verbos. Os nomes englobam os subs-tantivos e os adjetivos de acordo com a sua função na frase. Por isso, temos, no exemplo abaixo, um substantivo (função) que está representado por um nome (classe).

Na frase – **O homem forte venceu ao homem fraco.** – reco-nhecemos:

- a. Classe: nome (homem);
- b. Classe: verbo (venceu);
- c. Função: o adjetivo “forte” e o verbo “venceu” são determinan-tes de “homem”;
- d. Função: “homem” é o determinado, é substantivo.

Faremos, agora, uma rápida abordagem de algumas palavras enquadrando em **classe** ou em **função**.

Substantivo

Na definição de substantivo dada por Sacconi: “substantivo é o nome de todos os seres que existem ou que imaginamos existir” (SACCONI, 2001, p. 135), o autor apoiou-se no critério semântico, porque ele focaliza o significado da palavra “substantivo”.

Porém, se tomarmos o que diz Macambira: “pertence à classe do substantivo toda a palavra variável que admite os sufixos –inho ou -zinho, -ão ou -zão, correspondentes a *pequeno* e a *grande* respec-tivamente” (MACAMBIRA, 1978, p. 32), entendemos que esse autor, na identificação da classe, está levando em consideração o critério morfológico, porque se refere a aspectos formais do substantivo.

Ainda, Macambira diz que “pertence à classe do substantivo toda palavra que se deixar preceder por artigo ou pronome adje-tivo, especialmente possessivo, demonstrativo ou indefinido” (MA-CAMBIRA, 1978, p. 34).

Aqui, o autor fundamenta seu posicionamento no critério fun-cional, porque reconhece que o substantivo (função) é determina-do por pronome ou artigo.

ATENÇÃO

Para Mattoso Câmara Júnior (1976), o critério morfosse-mântico seria o ideal para dividir os vocábulos formais, uma vez que o sentido não se dissocia da forma.

Vejam os enunciados:

1. O **quadro** é belo. → “quadro” é um substantivo (função) representado por um nome (classe).
2. Aluninha estudiosa.
 - a palavra “alun**inha**” é substantivo (função) porque admite a flexão de gênero e número, além do sufixo diminutivo.
 - o substantivo “aluninha” vem qualificado pelo adjetivo (função) “estudiosa”



→ o **SUBSTANTIVO** é um termo de um sintagma nominal (aluninha estudiosa) determinado por um adjetivo (estudiosa).

3. Tu **amavas** teu trabalho.

- a palavra “am**avas**” é verbo, porque apresenta a desinência modo-temporal –va e a desinência número-pessoal –s, que são específicas dos verbos.

ATENÇÃO

O substantivo é um termo determinado pelo adjetivo num sintagma nominal.

Adjetivo

Para as gramáticas normativas, o adjetivo é a palavra que caracteriza o substantivo, atribuindo-lhe uma qualidade, estado ou condição.

Não esqueçamos, porém, que o substantivo e o adjetivo são *funções*, pois:

- em “meninas estudios**as**” temos os morfemas **-a** que indica o gênero feminino e **-s**, que indica a flexão de número.
- Então: a flexão de gênero (-a) e a flexão de número (-s) caracterizam os vocábulos que pertencem à classe dos nomes.
- “Estudiosas” determina “meninas” (substantivo). Portanto: “estudiosas” é um determinante, é um adjetivo.

ATENÇÃO

A distinção entre o substantivo e o adjetivo está na relação funcional, ou seja, “estudiosa” caracteriza o substantivo “menina”, por isso exerce a função de adjetivo. Por outro lado, “menina” está caracterizada por “estudiosa”, por isso exerce a função de substantivo.

Artigo

“É a **palavra** que antecede o substantivo, indicando-lhe o gênero e o número, individualizando-o ou generalizando-o” (SACCONI, 2001, p. 165).

A concepção de artigo como “palavra” não é pacífica entre os gramáticos, tendo em vista que o artigo é um vocábulo que não possui valor semântico próprio: só aparece em enunciados antecedendo o substantivo. Dizendo de outra forma: o artigo não possui uma forma que o distinga como classe gramatical; assume o gênero e o número – flexões próprias do substantivo, do adjetivo, do pronome.

- O artigo precede o substantivo, determinando-o e com ele formando um sintagma.

Ex. No sintagma “O livro” → O artigo “o” determina o substantivo “livro”; o substantivo “livro” é determinado pelo artigo “o”.

CONCLUSÃO

Nesta aula, abordamos as classes e funções do substantivo, do artigo, do adjetivo – palavras que se enquadram na classe dos nomes, junto com o substantivo, porque têm comportamento similar.

SINTETIZANDO O QUE VOCÊ ESTUDOU NESTA AULA

- Descrição/caracterização de classe.
- Descrição caracterização de função.
- Critério funcional.

AULA 5 – DESCRIÇÃO GRAMATICAL DE CLASSES: NUMERAL, VERBO, ADVÉRBIO

Descrição gramatical da classe e da função desses vocábulos

OBJETIVO

- Descrever a classe e a função desses vocábulos

INTRODUÇÃO



Lendo os balões da tirinha “Tira-Teima”, Zero Hora, 24/11/2009, de Rekern, podemos encontrar um substantivo, como, por exemplo, no segundo balão: “Agora, uma coisa ninguém pode negar.”

Recordemos que a palavra “coisa” é substantivo porque vem determinado pelo artigo indefinido “uma” no sintagma “uma coisa”.

Passemos, então, para o estudo de outras palavras.

DESENVOLVIMENTO

Numeral

Numeral “é a palavra que dá idéia de número” (SACCONI, 2001, p. 191). O autor fundamenta sua definição no critério semântico isolado, ou seja, sem relacioná-lo com outras palavras.

Todavia, observando os exemplos:

Ex. (1) Dois alunos estudam muito. → o numeral “dois” tem a função de determinante de “alunos”; o substantivo “alunos” é determinado pelo numeral “dois”. Então, nesse enunciado, “dois” tem a mesma função de um adjetivo.

Ex. (2) Sete é bom. → o numeral “sete” é determinado por “bom”, por isso, exerce a função de substantivo.

⚠️ ATENÇÃO

Os numerais podem ser classificados como nomes, exercendo as funções de substantivo e de adjetivo.

Verbo

Luft (1979, p. 93-94), ao conceituar verbo como a “palavra que exprime um processo, apresentando ações (corre, trabalhar), fenômenos (ventar, chover), estados (ser, estar) ou mudanças de estado (tornar, ficar), situados no tempo”, baseou-se no critério semântico.

O verbo, como sabemos, é uma **classe** de palavra porque dispõe de desinências específicas que o distinguem dos nomes. Vejamos:

Ex. **Andávamos** pelos bosques. → De imediato reconhecemos o verbo “andávamos” por sua desinência (-va: desinência modo-temporal, -mos: desinência número-pessoal).

Advérbio

Para Luft (1979, p. 106), advérbio é uma “palavra de natureza nominal (depressa) ou pronominal (aqui) que na frase se acrescenta à significação: a) de um adjetivo, b) de um verbo, c) de outro advérbio, e d) de toda uma frase.”

Ex. O político fala **bem**.



- “bem” é um advérbio, porque acrescenta uma significação ao verbo “fala”.
- O advérbio “bem” determina o verbo “fala”.
- O artigo “o” determina o substantivo “político”.
- O verbo “fala” determina “político”.

CONCLUSÃO

Vamos concluir esta aula, observando os enunciados, destacando as classes e as funções:

1. Era um azul maravilhoso.
2. São os falares regionais do Brasil.

Enunciado 1:

- “Azul” pertence à *classe do nome*, porque podemos identificar essa classe pelas flexões de número e também pela possibilidade de receber um sufixo diminutivo (azulzinho).
- “Azul” exerce a *função de substantivo*, pois veio determinado por “maravilhoso”.
- “Era” pertence à *classe do verbo*, pois ao verbo são acrescentadas desinências modo-temporal e número-pessoal.

ATENÇÃO

Funcionalmente, os advérbios são modificadores por excelência, mas **NÃO** do nome.

→ Questiona-se o fato de o advérbio ser entendido como classe. Você quer saber por quê?

Enunciado 2:

- “Falares” pertence à *classe do nome*, pois sofreu, no enunciado, flexão de número.
- “Falares” exerce a *função de substantivo*, pois veio determinado pelo por “regionais”; ou seja, “regionais” é um determinante.
- “São” pertence à *classe do verbo*, pois a ele são acrescentadas desinências para indicar o tempo, o modo, o número e a pessoa.

SINTETIZANDO O ESTUDO NESTA AULA

- Classes de palavras.
- Funções de palavras.

AULA 6 – CLASSES DE PALAVRAS E CATEGORIAS LEXICAIS

- Morfologia e sintaxe
- Classes abertas e classes fechadas

OBJETIVOS

- Caracterizar classes abertas e fechadas.
- Identificar classes gramaticais.

INTRODUÇÃO

Nas aulas anteriores, enquadrámos as palavras em classes e em funções.

Nesta aula, lembramos que a **NOMENCLATURA GRAMATICAL BRASILEIRA (NGB)** apresenta dez classes de palavras, conforme as formas que assumem ou as funções que desempenham na frase:

I – **Variáveis:** substantivo, artigo, adjetivo, numeral, pronome, verbo.

II – **Invariáveis:** advérbio, preposição, conjunção, interjeição.

Outro aspecto que devemos salientar é que, a **partir desta aula**, trataremos das partes em que a gramática normativa costuma ser dividida: morfologia, sintaxe, fonética, semântica. Assim:

DESENVOLVIMENTO

Morfologia é a “disciplina que se ocupa do sistema morfológico da língua, do aspecto formal das palavras.” (LUFT, 1979, p. 63). Em outras palavras, é a disciplina que se ocupa com as formas das palavras.

Por outro lado, a sintaxe é a “parte da gramática que se ocupa das ‘relações que as palavras contraem na frase’” (LUFT, 1979, p.122). Dizendo de outra forma, a sintaxe estuda a dependência entre os termos, a ordem ou disposição dos termos na oração.

Então, quando falamos em “substantivo”, estamos no âmbito da morfologia. Mas, se dissermos “o sujeito é um termo fundamental da oração”, estamos no campo da sintaxe.

Nem sempre tratamos a morfologia e a sintaxe como campos estanques e exclusivos. Pelo contrário, a morfologia e a sintaxe mantêm diálogo constante.

Classes abertas e classes fechadas

a. Classes fechadas

Enquadram-se na categoria *classe fechada* as conjunções e as preposições, porque elas não geram novas palavras, ou seja, novas conjunções ou preposição.

Ex. e, nem, mas...

SAIBA MAIS

A Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) é obra de uma comissão de filólogos e linguistas brasileiros, encarregada pelo Ministro da Educação e Cultura, em obediência ao que determinava a Portaria nº 52, de 24 de abril de 1957, de organizar a nomenclatura gramatical da Língua Portuguesa falada no Brasil.

b. **Classes abertas**

São, por exemplo, o nome e o verbo porque temos possibilidade de potencialmente formar novas palavras.

Ex. Surfar, twittar...

CONCLUSÃO

Devemos ter muita atenção e clareza acerca dos conceitos quando falamos em classes de *palavras*, em *funções das palavras*, em *critérios* (morfológico, sintático, semântico ou funcional) de enquadrar as palavras.

Se nos apoiarmos, por exemplo, no critério funcional, diremos que o substantivo é uma função e está na classe dos nomes; se nos apoiarmos no critério semântico, diremos que o substantivo nomeia seres.

Sintetizando o que você estudou nesta aula

- “Morfologia” e “sintaxe” como partes da gramática.
- O objeto da morfologia.
- O objeto da sintaxe.
- Classes abertas.
- Classes fechadas.

UNIDADE III

CRITÉRIOS DE CLASSIFICAÇÃO DE PALAVRAS

Nesta unidade, analisaremos os critérios empregados para a classificação das palavras da língua portuguesa.

AULA 7 – OS SUBSTANTIVOS

OBJETIVOS

- Discutir o conceito de substantivo em gramáticas normativas da Língua Portuguesa de diferentes autores.
- Explicitar a natureza dos critérios empregados para a classificação dos substantivos.
- Analisar o processo de substantivação das palavras da língua portuguesa.

INTRODUÇÃO

Nesta aula, trabalharemos o substantivo. Veremos que, na busca por uma definição para esta classe de palavras, recorreremos aos critérios morfológico, sintático e semântico. Tais critérios não são excludentes, mas complementares. Por fim, exploraremos o processo de substantivação de palavras, retomando um conteúdo que você já estudou na disciplina de Morfologia do Português: a derivação imprópria. Boa aula!

DESENVOLVIMENTO

Definição de substantivo

Iniciemos com a definição de Luft (1976, p. 102) para a classe dos substantivos:

"Substantivo (nome substantivo) é a palavra que designa um ser, e sintaticamente pode funcionar como núcleo do sujeito, predicativo e objeto".

Vejamos agora o seguinte exemplo:

"A paz invadiu o meu coração
De repente, me encheu de paz
Como se o vento de um tufão
Arrancasse meus pés do chão
Onde eu já não me enterro mais".
(trecho de A paz, composição de Gilberto Gil e João Donato)

Na primeira parte da definição, Luft afirma que é uma palavra que **nomeia um ser**. Então, vamos considerar ser como uma entidade que tenha existência real ou imaginária, e, como entende a filosofia (tudo que existe é), as palavras 'paz', 'coração', 'vento', 'tufão', 'pés', 'chão' são, possivelmente, substantivos.

Na segunda parte da definição, o autor toma como base o critério sintático, ou seja, leva em conta o papel dos elementos na estrutura frasal/oracional. Assim, substantivo é o termo que, na estrutura da frase, pode ocupar a posição de **núcleo do sujeito**, do **predicativo** ou do **objeto**.

Considerando o exposto, em termos sintáticos, o trecho da música pode ser assim analisado:

A paz invadiu o meu coração
 S VTD OD

De repente, me encheu de paz
 AA OD VTDI OI

Como se o vento de um tufão
 S

Arrancasse meus pés do chão
 VTD OD OI

Onde eu já não me enterro mais.
 S OI VTI

Na análise, o sujeito das orações aparece em azul, o verbo, em vermelho, o objeto direto em verde, o indireto, em laranja, e o adjunto adverbial, em roxo. O que está sublinhado é o núcleo do termo a que pertence.

Não há predicativo no fragmento analisado, já que nenhuma das orações é nominal, ou seja, tem verbo de ligação. Então, atentando, especificamente, para os núcleos dos sujeitos e dos objetos, vemos que os prováveis substantivos são: 'paz', 'coração', 'me', 'paz', 'vento', 'pés', 'chão', 'eu'. Retomando a acepção inicial de Luft "palavra que designa um ser", vemos que as palavras 'eu' e 'me' não podem integrar tal classe.

Precisamos de uma definição que abranja palavras, como 'tufão', que, é um substantivo, mas não se enquadra na classificação sintática (pertence a um complemento nominal).

Vejamos agora a definição de Bechara (1970, p. 87) para os substantivos:

"Substantivo é o nome com que designamos os seres em geral – pessoas, animais e coisas".

Na definição apresentada acima, embora se explicita o que se entende por "seres em geral", o autor não faz qualquer referência

sintática. Então, voltando ao fragmento da música à procura de “seres”, isto é, pessoas, animais e coisas, não encontramos nenhum nome que designe tais entidades.

Recorramos, agora, a Rocha Lima (1972, p. 61), para o qual, substantivo “**é a palavra com a qual nomeamos os seres em geral, e as qualidades, ações ou estados considerados em si mesmos, independentemente dos seres com que se relacionam**”.

Assim, aliada à definição de “seres”, o gramático considera substantivo também os vocábulos que designam qualidades, ações ou estados “em si mesmos”.

Nessa acepção, a palavra ‘paz’ pode ser tomada como uma qualidade; enquanto as palavras ‘vento’, ‘tufão’ e ‘pés’ designam seres.

Por fim, apresentamos a definição dada por Cunha (1975, p. 187), bem como os exemplos apresentados pelo autor, com relação ao substantivo:

1. Substantivo é a palavra com que designamos ou nomeamos os seres em geral. São, por conseguinte, substantivos:
 - a. Os nomes de pessoas, animais, vegetais, lugares e coisas: Carlos, gato, palmeira, América, lápis
 - b. Os nomes de ações, estados e qualidades, tomados como seres: Devoção, civismo, mocidade, alegria, altura
2. Do ponto de vista funcional, o substantivo é a palavra que serve, privativamente, de núcleo do sujeito, do objeto direto, do objeto indireto e do agente da passiva. Qualquer palavra de outra classe que desempenhe uma dessas funções equivalerá forçosamente a um substantivo (pronomes substantivos, numeral ou outra palavra substantivada).

Vemos que a definição apresentada pelo autor mostra-se mais completa principalmente porque aborda a classe em questão sob dois pontos de vista: 1) especifica os tipos de nomes designados pelos substantivos; 2) apresenta um “ponto de vista funcional”, nesse caso, em termos de funções sintáticas passíveis de serem exercidas pelos substantivos.

Além disso, o autor adverte que:

Qualquer palavra de outra classe que desempenhe uma dessas funções equivalerá forçosamente a um substantivo (pronomes substantivos, numeral ou outra palavra substantivada).

Desse modo, a definição apresentada por Cunha também abrange os casos nos quais palavras de outras classes são substantivadas, como vemos no tópico a seguir.

Substantivação: a derivação imprópria

Relembremos agora que, na disciplina de *Morfologia do Português*, você estudou, dentre os processos de formação de palavras, a derivação imprópria.

RELEBRANDO

A derivação imprópria envolve a mudança de classe gramatical das palavras.

Sobre a derivação imprópria **ENVOLVENDO SUBSTANTIVOS**, em Cunha (1975, p. 120), pode-se ler "as palavras podem mudar de classe gramatical sem sofrer modificação na forma. Basta, por exemplo, antepor-se o artigo a qualquer vocábulo da língua para que ele se torne um substantivo".

Macambira (1978, p. 34) considera, sob o aspecto sintático, substantivos "toda palavra que se deixar preceder por artigo ou pronome adjetivo, especialmente possessivo, demonstrativo ou indefinido".

A partir do critério apresentado por Macambira, podemos não só identificar os vocábulos que comumente pertencem à classe dos substantivos, como também prever os que passaram, por derivação imprópria, a substantivos.

Ainda, conforme Cunha (1975, p. 121), a derivação imprópria não é um processo morfológico, mas semântico. Segundo Macambira (1978, p. 34-35), substantivo é, sob o aspecto semântico, "a palavra que serve para designar os seres"; como qualquer palavra pode funcionar como substantivo, "portanto, ser considerada como um ser".

CONCLUSÃO

Nesta aula, discutimos o conceito de substantivo em gramáticas normativas da Língua Portuguesa conforme a concepção de diferentes autores; também, explicitamos a natureza dos critérios empregados para a classificação dos substantivos. Por fim, ainda analisamos o processo de substantivação das palavras da Língua Portuguesa.

SINTETIZANDO O QUE VOCÊ ESTUDOU NESTA AULA

- Conceito de substantivo, a partir dos critérios semântico, sintático e morfológico.
- Processo de substantivação de palavras.

SAIBA MAIS

Com relação à passagem de classe gramatical envolvendo substantivo, eis alguns tipos apresentados por Cunha (1975, p. 120):

- a. de substantivos próprios a comuns: damasco, narciso, quixote.
- b. de substantivos comuns a próprios: Castelo, Figueira, Pinto.
- c. de adjetivos a substantivos: circular, persiana, veneziana.
- d. de verbos a substantivos: afazer, jantar, prazer.
- e. de participípios (passados) a substantivos: conteúdo.

AULA 8 – OS ADJETIVOS

OBJETIVOS

- Discutir o conceito de adjetivo apresentado nas gramáticas da Língua Portuguesa.
- Explicitar a natureza dos critérios empregados para a classificação dos adjetivos.

INTRODUÇÃO

Nesta aula, estudaremos as palavras que são comumente caracterizadas como qualificativas: os adjetivos. Ao final desta aula, esperamos que você esteja apto(a) a identificar e classificar um adjetivo.

Iniciemos com uma charge de Elias.



Diário de Santa Maria – 30/10/2009

Na charge, podemos ler: 'Pinto placas de protesto para ruas intransitáveis'. Vemos que o vocábulo 'intransitáveis' modifica o sentido do substantivo 'ruas' com o qual concorda em gênero (feminino) e número (plural). Assim, a partir do tríplice critério morfo-sintático-semântico, concluímos que 'intransitáveis' é um adjetivo. A seguir, veremos detalhadamente como se constitui este tríplice critério.

DESENVOLVIMENTO

Definição de adjetivo

De acordo com Macambira (1978, p. 36-37), considerando o critério morfológico, o adjetivo pode ser conceituado de três formas:

"Pertence à classe do adjetivo toda palavra que produz oposições formais, correspondendo ao grau positivo e ao grau superlativo, sufixado por *-íssimo*, *-érrimo*, *-límico*: noutros termos, toda palavra que admitir os termos supracitados".

"Pertence à classe do adjetivo toda palavra que admita o sufixo adverbial *-mente*, do que resultam oposições formais entre adjetivos e advérbios".

"Este método pode estender-se a muitas outras oposições, por exemplo, os adjetivos terminados por *-ento* e *-vel*, correspondentes a vocábulos terminados em vogal simples e *-bilidade*, respectivamente".

Como se pode ver nas definições apresentadas pelo autor para a classe dos adjetivos, o aspecto morfológico, nesse caso, envolve a possibilidade de se anexar morfemas gramaticais derivacionais (sufixos) aos radicais.

Pensando o aspecto sintático, Macambira (1978, p. 37) afirma que é adjetivo:

"toda palavra variável que se deixar preceder pelos advérbios correlativos *tão* ou *quão*, de preferência o primeiro, pertencente ao dialeto coloquial. Podíamos até dispensar o literário *quão*, mas afinal de contas não há inconvenientes em deixá-lo ficar".

Considerando, ainda, o aspecto semântico, Macambira (1978, p. 38), em um primeiro momento, assim conceitua adjetivo:

"Pertence à classe do adjetivo toda palavra que exprime qualidade".

A partir deste critério, vamos examinar alguns vocábulos da língua portuguesa, a fim de descobrir se eles pertencem à classe dos adjetivos. Observe, então, o seguinte quadro:

AMIGO	BONDADE	FELIZ
ÓDIO	CURIOSA	MAU

No quadro, temos seis palavras da língua portuguesa. Examinemos cada uma delas:

Amigo – Tomando o adjetivo como a palavra que exprime qualidade, vemos que, em um enunciado como 'Marcelo é meu amigo',

o vocábulo 'amigo' qualifica Marcelo. Pela definição semântica, então, poderíamos pensar que a palavra em questão é um adjetivo.

Bondade, ódio – Nas palavras de Macambira (p. 38): “[...] a bondade é sem dúvida uma qualidade [...]”. Considerando apenas o critério semântico, este vocábulo seria um adjetivo, assim como a palavra 'ódio'.

Feliz – Em 'homem feliz/mulher feliz', vemos que o vocábulo qualifica as entidades, o que, em termos semânticos, o habilitaria a ser classificado como adjetivo.

Mau – Quando dizemos: 'Este homem é mau', estamos atribuindo uma qualidade (nesse caso, negativa) a 'homem'.

Curiosa – Em um enunciado como 'Marina é curiosa', a palavra em questão qualifica Marina. Com base no aspecto semântico, este seria um adjetivo.

Pela análise das palavras acima, vemos que todas elas se encaixam na definição de adjetivo, se considerarmos apenas como critério o significado, ou seja, o critério semântico. Todas elas de alguma forma exprimem qualidades.

No entanto, conforme Macambira (p. 38), o critério semântico é insuficiente para que possamos categorizar adequadamente um vocábulo como um adjetivo. O autor aponta a necessidade de que recorramos aos três critérios, ou seja, critério morfo-sintático-semântico para definir adjetivo. Vejamos:

“Adjetivo é a palavra variável que serve para modificar o substantivo”.

Mas o que há de morfológico nessa definição? E de sintático? E a o que há de semântico nela?

O autor nos ensina que o fato de ser variável aponta para o morfológico (flexão de número e gênero); quanto à sintaxe implica a relação entre mais de um vocábulo da língua: **ADJETIVO E SUBSTANTIVO**. Por fim, a semântica entra por meio do verbo “modificar”.

Vamos voltar àquelas palavras que analisamos anteriormente. Buscamos, agora, analisá-las a partir desse tríptico critério: morfo-sintático-semântico.

Vejamos:

Amigo – Se colocarmos a palavra 'amigo' em uma frase, tal como: 'Meu amigo está doente', vemos que, em termos morfológicos, trata-se de uma palavra que pode variar, para indicar gênero e número. Assim, poderíamos produzir também, os enunciados: 'Minha amiga está doente', caso se tratasse de uma pessoa do sexo feminino, ou então: 'Meus amigos estão doentes', caso estivéssemos falando de mais de um amigo.

ATENÇÃO

Em termos sintáticos, o adjetivo concorda em GÊNERO e NÚMERO com o substantivo a que se refere. Vejamos:

1. Homem bonito
2. Mulher bonita
3. Pessoas bonitas

Em 1, o substantivo 'homem', sendo masculino e estando no singular, faz com que o adjetivo o acompanhe em gênero e número; em 2, o adjetivo apresenta desinência de gênero (feminino), a fim de concordar com o substantivo 'mulher', que é um nome feminino; em 3, o adjetivo apresenta desinência de gênero ('a', marca de feminino) e de número ('s', marca de plural), para concordar com 'pessoas' (substantivo feminino no plural).

Assim, pelo critério morfológico, é possível que 'amigo' seja um adjetivo. Ao analisarmos em termos sintáticos, torna-se necessário retomarmos a noção de substantivo, já que o adjetivo se encontra relacionado a este, ao qualificá-lo. Como substantivo é toda palavra que se deixa preceder por artigo (critério sintático) e que serve para designar os seres, tanto os concretos quanto os abstratos (critério semântico) (MACAMBIRA, p. 34), vemos que, na verdade, 'amigo' é um substantivo, e não um adjetivo.

O mesmo se pode dizer dos vocábulos 'ódio' e 'bondade'. Ao colocarmos em frases, tais como: 'O ódio faz mal ao coração' e 'Mãe ensinou-nos a bondade', vemos que os termos em questão designam seres (abstratos) e são antecidos por artigo.

Já no caso de 'feliz', este vocábulo pode estar relacionado a um substantivo, qualificando-o: 'Ele é um menino feliz'. Nesse caso, vemos não só a aplicabilidade do critério sintático, como também morfológico ('feliz' varia em número: 'felizes') e semântico (feliz indica uma característica, que modifica 'menino'). O mesmo se pode dizer das palavras 'curiosa' e 'mau': 'Bianca é muito curiosa' ('curiosa' está modificando 'Bianca', que é um substantivo próprio; concorda com o substantivo em gênero – feminino – e número – singular); 'O homem mau raptou a princesa' ('mau' indica uma característica, que modifica 'homem'; nesse caso o adjetivo concorda com o substantivo em gênero – masculino – e número – singular).

 **ATENÇÃO**

MAU → contrário de bom → ADJETIVO.

MAL → contrário de bem → ADVÉRBIO.

CONCLUSÃO

Nesta parte, buscamos discutir o conceito de adjetivo apresentado nas gramáticas da Língua Portuguesa e explicitar a natureza dos critérios empregados para a classificação.

SINTETIZANDO O QUE VOCÊ ESTUDOU NESTA AULA

- Classificação dos adjetivos a partir do tríplex critério: morfo-sintático-semântico.

AULA 9 – AS PREPOSIÇÕES

OBJETIVOS

- Discutir a definição de preposição dada pelas gramáticas normativas da Língua Portuguesa.
- Verificar a validade dos diferentes critérios empregados para a conceituação de preposição.
- Explorar as relações possivelmente estabelecidas pelas preposições de acordo com o contexto linguístico em que elas aparecem.
- Distinguir preposições essenciais de acidentais.

INTRODUÇÃO

Iniciamos nossa aula, lembrando que, como você viu na disciplina de Morfologia, as preposições têm caráter relacional, ou seja, unem dois termos. Desse modo, é importante discutirmos a definição de tal classe de vocábulos a partir de diferentes critérios, classificar as preposições em essenciais e acidentais, bem como analisar o valor assumido pelas preposições em cada contexto de uso. É isso que procuramos fazer nesta aula. Bom estudo!

DESENVOLVIMENTO

Definição de preposição

Em português, as preposições não sofrem flexões, fato que as impede de serem classificadas sob o aspecto morfológico.

De acordo com Sacconi (2001, p. 302), preposição “é a palavra invariável que liga duas outras palavras entre si, estabelecendo entre elas certas relações”.

Conforme Cegalla (1977, p. 175), a preposição “**é uma palavra invariável que liga um termo dependente a um termo principal**”.

As duas definições apresentadas apontam o fato de que se trata de palavras que não sofrem flexões (são invariáveis). Ambas apontam também uma questão sintática: a preposição liga duas outras palavras: uma delas dependente e a outra principal. Sobre isso, Sacconi acrescenta: “a primeira palavra, que reclama a outra, chama-se **regente**; a segunda, reclamada pela antecedente, denomina-se **regida**”.

Vejamos os seguintes exemplos, em que as preposições encontram-se em negrito:

1. Fui à casa **de** Luís.
2. Tomamos café **com** leite.
3. Trabalho **com** alegria.
4. Isabel mora **em** Porto Alegre.

As palavras ‘casa’, ‘café’, ‘trabalho’ e ‘mora’ são as regentes; já as palavras ‘Luís’, ‘leite’, ‘alegria’ e ‘Porto Alegre’ são as regidas.

O valor das preposições

Cegalla lembra que entre o termo dependente (ou regido) e o principal (ou regente) ocorre o estabelecimento de relações. Conforme já vimos na disciplina *Morfologia do Português*, e observando a preposição no contexto de uso, percebemos o valor que ela assume. Nos exemplos acima, vemos que, em 1), 'de' tem valor de posse; em 2), 'com' indica companhia; em 3), 'com' indica modo; já em 4), 'em' exprime ideia de lugar. É interessante observar que uma mesma preposição pode indicar relações diferentes, de acordo com o enunciado em que se encontra. Isso acontece em 2) e 3), em que a preposição 'com' assume valores diversos. O mesmo acontece nos seguintes enunciados, extraídos de Travaglia (2006, p. 187):

1. João está **em** casa.
2. João se formou **em** Letras.
3. João está **em** apuros.
4. João chegou **em** 25 de março.

No primeiro enunciado, a preposição indica lugar, já que une o verbo de ligação ao vocábulo 'casa'; no segundo enunciado, a preposição é a mesma, mas exprime especialidade; no contexto do terceiro enunciado, a preposição 'em' indica estado; finalmente, a mesma preposição que foi utilizada nos três enunciados anteriores assume, no quarto enunciado, valor de tempo.

Conforme Travaglia (2006, p. 187), esses sentidos são variações de um valor básico expresso pela preposição 'em': localização. O que acontece é que pode se tratar de uma localização no espaço (primeiro enunciado), na noção de especialidades acadêmicas (segundo enunciado), na noção dos estados (terceiro enunciado), ou então, como no quarto enunciado, localização no tempo.

A seguir, algumas relações que as preposições podem exprimir (cf. Cegalla, 1977, p. 177).

RELAÇÃO ESTABELECIDA	EXEMPLO
Assunto	Falou <i>sobre</i> política.
Causa	Morreu <i>de</i> fome.
Companhia	Jantei <i>com</i> ele
Especialidade	Formou-se <i>em</i> Medicina.
Direção	Olhe <i>para</i> frente.
Fim	Trabalha <i>para</i> viver.
Falta	Estou <i>sem</i> recursos.
Instrumento	Feriu <i>com</i> a espada.
Lugar	Moro <i>em</i> Recife.
Meio	Viajei <i>de</i> avião
Modo, Conformidade	Trajava <i>à</i> moderna.

Classificação das preposições

Sob o aspecto sintático, as preposições se dividem em essenciais e acidentais. As preposições essenciais “são aquelas que sempre foram preposições” (SACCONI, 2001, p. 302). São elas:

A, ANTE, APÓS, ATÉ, COM, CONTRA, DE, DESDE, EM,
ENTRE, PARA, PERANTE, POR, SEM, SOB, SOBRE, TRÁS

Ainda conforme Sacconi, as preposições acidentais são aquelas que, em determinado estágio da língua, passaram a ser preposições. Alguns exemplos de preposições acidentais:

AFORA, FORA, COMO, CONFORME, CONSOANTE,
DURANTE, EXCETO, MEDIANTE, MENOS, VISTO

⚠️ ATENÇÃO

As preposições essenciais são aquelas que sempre são preposições; já as acidentais são as que funcionam, eventualmente, como preposições.

Vejamos o emprego da preposição na charge abaixo, publicada no jornal *Diário de Santa Maria*, na edição de 24 de novembro de 2009.



Na charge de Elias, vemos a relação entre elemento verbal e não-verbal, apontando para o inusitado: como artigos de férias são vendidos guarda-chuvas, em virtude do excesso de chuvas no Estado. No verbal, podemos ler: ‘Antecipe suas compras de férias’. Assim, o termo regente ‘compras’ une-se ao regido ‘férias’ por meio da preposição ‘de’.

Agora vejamos o seguinte enunciado: ‘Maria vestia-se conforme a moda’.

Em termos sintáticos, temos apenas uma oração, já que há somente um verbo (vestia-se). Para unir 'vestia-se' e 'moda', indicando a situação de conformidade de Maria, utilizamos a palavra 'conforme'. Nesse caso, este vocábulo está funcionando como uma **preposição acidental**, já que, usualmente, a palavra 'conforme' é uma conjunção subordinativa adverbial (conformativa). Na próxima aula, relativa às conjunções, veremos como diferenciá-la, isto é, como saber quando se trata de conjunção e quando se trata de preposição acidental.

CONCLUSÃO

Nesta aula, buscamos discutir a definição de preposição dada pelas gramáticas normativas da Língua Portuguesa e verificar os critérios empregados para a conceituação de preposição. Também, explorar as relações estabelecidas pelas preposições de acordo com o contexto linguístico em que elas aparecem e distinguir preposições essenciais de acidentais.

SINTETIZANDO O QUE VOCÊ ESTUDOU NESTA AULA

- Definição de preposição.
- Valor das preposições.
- Classificação das preposições.

AULA 10 – AS CONJUNÇÕES

OBJETIVOS

- Discutir a noção de conjunção apresentada por diferentes gramáticos.
- Apresentar a classificação das conjunções.
- Distinguir conjunções conformativas de preposições acidentais.

INTRODUÇÃO

mas embora e que ou porque quando portanto enquanto
logo no entanto pois como se nem mesmo que conforme

As palavras do quadro acima são conjunções. Nesta aula, veremos por que razão, além de classificá-las em coordenativas e subordinativas.

DESENVOLVIMENTO

Definição de conjunção

Cegalla (1977, p. 187) assim conceitua essa classe de palavras:

“Conjunção é uma palavra invariável que liga orações ou termos da oração”.

CUNHA (1975, p. 533) diz que as conjunções são:

“Os vocábulos gramaticais que servem para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração”.

Conforme Macambira (p. 67), por se tratar de uma palavra invariável, a conjunção não pode ser classificada sob o aspecto morfológico.

Tanto na definição de Cegalla, quanto na de Cunha, vemos que a conjunção é a palavra que liga não só orações, como também termos da mesma oração. O mesmo encontramos na definição apresentada por Sacconi (2001, p. 310) para conjunção:

“É a palavra invariável que liga orações ou, ainda, termos de mesma função sintática”.

Vejamos agora o seguinte enunciado, dirigido por um cidadão, indignado com a cobrança abusiva de impostos:

‘— A gente paga imposto, e a estrada continua esburacada...’.

ATENÇÃO

Na definição dada por Cunha (1975) às conjunções, o autor recorre à distinção entre palavras *gramaticais* e *lexicais*. O autor conceitua as conjunções como “vocábulos gramaticais”, ou seja, como termos essencialmente relacionais (funcionais), ao contrário dos lexicais, cuja principal característica é apresentar significado.

Percebemos no enunciado produzido pelo cidadão contribuinte que uma relação de oposição é estabelecida entre as duas orações: 'a gente paga imposto'/'a estrada continua esburacada'. Isso se dá por meio da conjunção 'e', a qual, embora classificada geralmente como aditiva, também pode indicar oposição, como no caso do período apresentado. Nesse caso 'e' = mas (conjunção coordenativa adversativa). Temos aqui a conjunção unindo orações.

No caso da frase "Tristeza e alegria não moram juntas", a conjunção aditiva 'e' é empregada para unir os núcleos do sujeito composto. Temos, portanto, a conjunção unindo termos de mesma função sintática.

Vejamos a manchete principal da edição de 12 de fevereiro de 2009, do jornal carioca *Folha da Manhã*:



Disponível em: http://api.ning.com/files/OuL*rnehdzveV7SnbxfPJA8k-OBvJBaJ5RrSLP3pXBDSlyi*SfMxCNXnpovrtBTMUnfdpdM3XVV5FCbayhqzqB0jM2kGOpGg/Manchete.JPG

No enunciado: 'Concessionária cobra pedágio, mas deixa pista ceder', o termo sublinhado une duas orações independentes, as quais podem ser desmembradas, conforme mostramos abaixo:

1. Concessionária cobra pedágio.
2. Concessionária deixa pista ceder.

A conjunção 'mas' indica oposição entre as orações. É, portanto, uma conjunção coordenativa adversativa.

Agora, analisemos a seguinte manchete esportiva, veiculada na edição de 19 de novembro de 2009 do jornal *Correio do Povo*:

Se vencer, Inter passa Palmeiras na tabela do Brasileirão

Vemos que, em termos sintáticos, temos duas **ORAÇÕES**. A primeira delas é introduzida pela conjunção 'se'. Percebemos que as orações são inter-dependentes, de modo que não é possível desmembrá-las, já que elas se complementam. No caso, 'se' é uma conjunção subordinativa adverbial condicional.

⚠️ ATENÇÃO

As conjunções dividem-se em coordenativas e subordinativas. As primeiras são aquelas que unem orações independentes (coordenadas); já as últimas unem orações dependentes (subordinadas).

⚠️ ATENÇÃO

No período composto por coordenação, a oração que não contém conjunção é chamada de *oração coordenada assindética* e a que é introduzida por conjunção é chamada *oração coordenada sindética*. Isso porque *síndeto* significa conjunção.

🔍 SAIBA MAIS

As orações subordinadas são classificadas em substantivas, adjetivas e adverbiais, conforme exerçam, na oração, as funções desempenhadas pelo substantivo, adjetivo (adjunto adnominal) e advérbio (adjunto adverbial), respectivamente. As orações subordinadas substantivas são introduzidas pelas conjunções integrantes *que* ou *se*. As subordinadas adjetivas são iniciadas pelos *pronomes relativos*. As orações subordinadas adverbiais são introduzidas pelas *conjunções subordinativas* (exceto as conjunções integrantes).

Classificação das conjunções

A seguir, apresentamos um quadro-resumo das conjunções coordenativas. Os exemplos são trechos de músicas.

CLASSIFICAÇÃO DA ORAÇÃO	EXEMPLO	ALGUMAS CONJUNÇÕES COORDENATIVAS
Oração coordenada aditiva	"Agora eu era herói <u>e</u> o meu cavalo só falava inglês" (<i>João e Maria</i> – Sivuca e Chico Buarque).	e, nem, não só... mas também, tanto... como, tanto... quanto
Oração coordenada adversativa	"Virou história em sua vida, <u>mas</u> pra mim não morreu" (<i>Tristesse</i> – Telo Borges e Milton Nascimento).	mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto
Oração coordenada alternativa	"É pra rir <u>ou</u> pra chorar?" (<i>É pra rir ou pra chorar</i> – Gabriel O Pensador).	ou, quer... quer, seja... seja
Oração coordenada conclusiva	" <u>Portanto</u> peço-te aquilo, e te ofereço elogios" (<i>Oração ao tempo</i> – Caetano Veloso).	portanto, logo, pois (deslocado)
Oração coordenada explicativa	"E já me chamam por aí de verdadeiro artista <u>pois</u> a platéia ainda aplaude, ainda pede bis" (<i>Pois é, seu Zé</i> – Luiz Gonzaga Jr.)	porque, que, pois (na ordem direta)

No quadro abaixo, apresentamos um resumo das conjunções subordinativas adverbiais:

CLASSIFICAÇÃO DA ORAÇÃO	EXEMPLO	ALGUMAS CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS ADVERBIAIS
Oração subordinada adverbial causal	O menino chorou <u>porque</u> o balão estourou.	porque, que, porquanto, pois, visto que, já que, uma vez que, como
Oração subordinada adverbial concessiva	Não ficou em casa, <u>embora</u> estivesse chovendo.	embora, ainda que, mesmo que, se bem que, posto que, conquanto, apesar de que
Oração subordinada adverbial condicional	<u>Se</u> tudo der certo, chegaremos a tempo.	se, caso, contanto que, salvo se, exceto se, desde que, a menos que, a não ser que, senão
Oração subordinada adverbial conformativa	Tudo ocorreu <u>como</u> planejamos.	conforme, consoante, segundo, como, que
Oração subordinada adverbial comparativa	Recebeu tantos elogios <u>quanto</u> seu professor.	que ou do que (após mais, menos, maior, menor, melhor, pior), qual ou como (após tal), como ou quanto (após tanto, tão), como, assim como
Oração subordinada adverbial consecutiva	O incêndio era tamanho, <u>que</u> uma corporação inteira seria incapaz de contê-lo.	que (após tão, tanto, tamanho, tal), sem que, senão
Oração subordinada adverbial final	Ela saiu correndo, <u>a fim de</u> salvá-lo.	para que, a fim de que, de modo que, de forma que, de sorte que
Oração subordinada adverbial proporcional	<u>À medida que</u> o tempo passava, mais eles se gostavam.	à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais, quanto menos...
Oração subordinada adverbial temporal	<u>Quando</u> os portugueses chegaram, muitos índios foram mortos.	quando, logo que, depois que, antes que, sempre que, desde que, mal, até que

Conjunção conformativa ou preposição acidental?

As palavras 'como', 'conforme', 'consoante' e 'segundo', além de funcionarem como conjunções, também podem exercer o papel de preposições (acidentais). De acordo com Luft (1976, p. 139), as preposições acidentais são "palavras de outras classes (espécies gramaticais) que podem funcionar também como preposições". Vemos que, em essência, tais palavras são conjunções.

Como diferenciar uma preposição acidental de uma conjunção conformativa?

Vejamos os seguintes exemplos:

1. Conforme declarei, ele possuía bom coração.
2. Vestia-se conforme a moda.

Em 1, temos um período composto por duas orações (já que temos dois verbos). A primeira oração é introduzida por 'conforme', que, nesse caso, é uma conjunção conformativa. A segunda oração é a principal, já que não apresenta conjunção. Trata-se de um período composto por subordinação: oração subordinada adverbial conformativa + oração principal. Fica claro, aqui, que a conjunção introduz oração.

Em 2, trata-se de um período simples, haja vista a presença de apenas um verbo. Desse modo, 'conforme' une dois termos da oração (o verbo com o seu complemento); é, portanto, uma preposição acidental.

Mais exemplos:

3. Segundo disse, a vida aqui não é fácil.
4. Segundo os dados da pesquisa, ele vai vencer.

No exemplo 3, trata-se de um período composto por duas orações. A primeira oração, subordinada, é introduzida por 'segundo'. É uma conjunção conformativa. Em 4, o período é simples, já que possui apenas uma oração. Nesse caso, 'segundo' introduz um termo da oração, como se pode observar ao colocarmos o período na ordem direta:

5. Ele vai vencer segundo os dados da pesquisa.

Desse modo, em 4 e 5, 'segundo' é uma preposição acidental.

SINTETIZANDO

A conjunção introduz oração; a preposição acidental introduz termos de oração.

ATENÇÃO

No período composto por subordinação, a oração que contém a conjunção subordinativa é chamada de *oração subordinada*; já a que não é introduzida por conjunção é chamada de *oração principal*.

A distinção apresentada acima não iria de encontro à definição geral de conjunção: "uma palavra invariável que liga **orações ou termos da oração**"? Já que a conjunção também pode unir termos de oração, como distingui-la da preposição acidental?

Nesse caso, é necessário recorrermos a uma definição de conjunção que dê conta de tal distinção. Vejamos, então, a definição dada por Rocha Lima (1978, p. 160):

Conjunções são palavras que relacionam entre si:

- a. dois elementos da mesma natureza (substantivo + substantivo, adjetivo + adjetivo, advérbio + advérbio, oração + oração, etc.);
- b. duas orações de natureza diversa, das quais a que começa pela conjunção completa a outra ou lhe junta uma determinação.

As conjunções do primeiro tipo chamam-se *coordenativas*; as do segundo, *subordinativas*.

Pela definição, vemos que as únicas conjunções que podem ligar termos de oração, isto é, "dois elementos da mesma natureza", são as coordenativas. As conjunções subordinativas prestam-se somente a unir orações.

Considerando que as conjunções 'como', 'conforme', 'segundo' e 'consoante' são **SUBORDINATIVAS** conformativas, estas podem unir orações. Todavia, quando não estão introduzindo orações, funcionam como preposições acidentais.

CONCLUSÃO

Nesta parte da disciplina, procuramos discutir a noção de conjunção apresentada por diferentes gramáticos, apresentando sua classificação. Fizemos, ainda, uma importante distinção entre as conjunções conformativas e as preposições acidentais.

SINTETIZANDO O QUE VOCÊ ESTUDOU NESTA AULA

- Conceito de conjunção.
- Classificação das conjunções.
- Diferença entre preposição acidental e conjunção conformativa.

ATENÇÃO

No caso específico da classificação das palavras gramaticais 'como', 'conforme', 'segundo' e 'consoante', é possível mantermos a distinção entre conjunções e preposições acidentais: quando **conjunções**, tais palavras são **subordinativas** e, portanto, introduzem **orações**; quando introduzem **termos de oração** são classificadas como **preposições acidentais**.

AULA 11 – OS PRONOMES

OBJETIVOS

- Apresentar a definição de pronome.
- Explorar o emprego dos pronomes pessoais e dos relativos sob o aspecto sintático.

INTRODUÇÃO

Nesta aula, continuaremos o estudo dos pronomes, iniciado na disciplina de *Morfologia do Português*. A partir do aspecto sintático, trataremos do emprego dos pronomes pessoais e dos relativos. Sucesso no estudo!

DESENVOLVIMENTO

Definição de pronome

Conforme Cegalla (1977, p. 112), pronomes são “**palavras que representam os nomes dos seres ou os determinam, indicando a pessoa do discurso**”.

Há seis tipos de pronomes: pessoais, possessivos, demonstrativos, indefinidos, relativos e interrogativos.

Nesta aula, concentrar-nos-emos no emprego dos pronomes pessoais e relativos.

Sob o aspecto sintático, conforme Cunha (1975, p. 277), os pronomes dividem-se em duas subclasses: pronome substantivo e pronome adjetivo.

SAIBA MAIS

Enquanto o pronome **substantivo** desempenha a função de substantivo, o pronome **adjetivo** funciona como adjetivo, ou seja, modifica o substantivo que acompanha.

Emprego dos pronomes pessoais sob o aspecto sintático

Os pronomes pessoais são palavras que substituem os nomes e representam as pessoas do discurso (CEGALLA, 1977, p. 112).

De acordo com Cunha (1975, p. 278), em termos funcionais, o pronome pessoal apresenta formas retas e oblíquas. As retas devem ser empregadas quando os pronomes funcionam como sujeito da oração; as oblíquas, na posição de complemento.

Apresentamos, no quadro abaixo, os pronomes pessoais, em suas formas retas e oblíquas, separados conforme a função que exercem, ou seja, de sujeito ou de objeto.

PRONOMES RETOS		PRONOMES OBLÍQUOS
FUNÇÃO SUBJETIVA		FUNÇÃO OBJETIVA
1ª sing.	eu	me, mim, comigo
2ª sing.	tu-	te, ti, contigo
3ª sing.	ele, ela	se, si, consigo, lhe, o, a
1ª pl.	nós	nos, conosco
2ª pl.	vós	vos, convosco
3ª pl.	eles, elas	se, si, consigo, lhes, os, as

Agora, vejamos os seguintes fragmentos, extraídos de narrativas produzidas por alunos de 8ª série de uma escola pública:

'No dia seguinte, o tigre foi à procura do pato para conversarem. Avistou ele de longe, sentado na lagoa'.
'Ele é só um ficante. Conheci ele hoje'.
'Então o burro disse: – Pode deixar que o macaco sairá com nós até a selva'.

Analisando as passagens dos textos, constatamos o emprego do pronome pessoal reto na posição de objeto. No primeiro fragmento, o aluno empregou 'ele' no segundo período, para se referir ao pato, já mencionado no período anterior do texto. No entanto, considerando que se trata do objeto direto ('Avistou ele'), a forma adequada, conforme a gramática normativa, seria o pronome oblíquo 'o' → 'Avistou-o de longe...'. No segundo fragmento, acontece o mesmo: 'ele' é objeto direto de 'conheci', razão pela qual deveria ter sido empregada a forma oblíqua ('Conheci-o'). No terceiro caso, temos o objeto indireto 'com nós' no lugar da forma gramaticalmente correta: 'sairá conosco'.

Cabe assinalar que, conforme Cegalla (1977, p. 357), as formas retas ele(s), ela(s), nós e vós também podem ser usadas com função de objeto; mas, nesse caso, devem ser regidas sempre de preposição.

Exemplos:

- Pagarei a ele.
- Atiraram contra nós.
- Confio em vós.

Do mesmo modo que o pronome pessoal reto, na maioria das vezes, não deve ocupar a função objetiva, o pronome pessoal oblíquo não deve ocupar a posição de sujeito. Vejamos o seguinte exemplo:

Marcos deu o livro para mim guardar.

Nesse caso, conforme a gramática normativa, a frase apresenta erro no emprego do pronome, porque, em termos sintáticos, o pronome sublinhado exerce a função de sujeito de um verbo no infinitivo. Voltando à distinção inicial, a forma adequada para exercer a função subjetiva é o pronome reto. Desse modo, o emprego correto é: Marcos deu o livro para eu guardar.

 **ATENÇÃO**

A forma pronominal reta deve ser empregada na posição de sujeito; como objeto, deve-se empregar a forma oblíqua dos pronomes.

Emprego dos pronomes relativos sob o aspecto sintático

Conforme você já estudou na disciplina de Morfologia, os pronomes relativos são palavras que se referem a nomes anteriormente referidos, com que estão relacionadas.

RELEBRANDO

São pronomes relativos: que, quem, qual, onde, cujo, como, quando e quanto.

Vejamos a seguinte charge do cartunista Elias, que tematiza o excesso de chuvas, publicada no Diário de Santa Maria, edição de 25 de novembro de 2009.



No elemento verbal da charge, vemos o emprego do pronome relativo 'que' retomando a palavra 'Senhor'. Enquanto o 'que' é uma espécie de pronome 'coringa', empregado com muita frequência, certos pronomes relativos têm emprego especial, como vemos no quadro abaixo.

Quem: remete à pessoa.

Exemplo: **O aluno** com quem você discutiu não veio à aula.

Quanto: remete a um pronome indefinido.

Exemplo: **Tudo** quanto você quiser, conseguirá.

Quando: remete a tempo.

Exemplo: Isso foi no **tempo** quando eu fazia faculdade.

Onde: remete a lugar.

Exemplo: O **país** onde moro é o Brasil.

Observação: para se remeter a lugar, pode-se empregar também a forma 'em que' (ou no(a) qual): O **país** no qual moro é o Brasil.

Cujo(s)/a(s): indica posse.

Exemplo: Os animais da selva são súditos cujo rei é o leão.

É importante observar que a utilização dos pronomes muitas vezes envolve uma questão de regência verbal, ou seja, é preciso observar qual é a transitividade do verbo para determinarmos se é necessário ou não que uma preposição acompanhe o pronome relativo. No caso de verbos transitivos indiretos, é preciso atentar que preposição deve ser empregada. Vejamos:

1. O filme do qual falei ontem é legendado.
2. A casa em que moro tem goteiras.
3. O aluno com o qual simpatizo não fez a prova.

Vemos que, no caso do primeiro período, o verbo falar exige complemento com a preposição 'de' (Quem fala, fala de alguma coisa); por se tratar da palavra 'filme', que é masculina, empregamos a forma contraída 'do' (preposição 'de' + artigo masculino 'o'). No caso do período 2., o verbo morar exige a preposição 'em' (Quem mora, mora em algum lugar); daí o emprego da forma 'em que'. Já em 3., temos o verbo transitivo indireto 'simpatizar'. Conforme a gramática normativa, esse verbo exige a preposição com (quem simpatiza, simpatiza com alguém). Por isso o emprego da forma 'com o qual', com a preposição exigida pelo verbo.

CONCLUSÃO

Apresentamos, nesta aula, a definição de pronome e analisamos o emprego dos pronomes pessoais e dos relativos sob o aspecto sintático.

SINTETIZANDO O QUE VOCÊ ESTUDOU NESTA AULA

- Definição dos pronomes.
- Emprego dos pronomes pessoais e relativos.

AULA 12 – OS VERBOS

OBJETIVOS

- Apresentar a definição de verbo.
- Problematicar a definição dos chamados 'verbos de estado'.
- Apresentar minimamente questões referentes ao aspecto verbal.

INTRODUÇÃO

Na estrutura oracional, o verbo ocupa importante papel. Nesta aula, trataremos dos verbos, especialmente dos de estado. Procuraremos problematicar a ideia que se tem dos verbos de ligação, especialmente o fato de eles serem considerados verbos "de estado". Complementarmente, trabalharemos o aspecto verbal.

DESENVOLVIMENTO

Definição de verbo

De acordo com Luft (1976, p. 124), verbo é:

"palavra que exprime um processo inserido no tempo: uma ação (*correr*), um fenômeno (*ventar*), um estado (*ser, estar*) ou mudança de estado (*tornar-se, ficar*). Diferencia-se, assim, do nome: ao passo que este exprime as realidades estaticamente, o verbo o faz dinamicamente. O nome situa o ser no espaço; o verbo figura-o no tempo, sob forma de ação, movimento, estado".

Da definição de Luft, vemos que o verbo pode exprimir ação, fenômeno, estado ou mudança de estado. Tudo isso, com a intervenção do tempo.

São realmente os verbos de ligação que indicam estado?

Começemos analisando a oração: Maria está doente.

O verbo "estar" é considerado pela gramática um verbo de ligação, ou seja, vazio de sentido, servindo apenas, em termos sintáticos, para unir o predicativo (qualificativo) ao sujeito. Por tal conceituação, vemos que, na verdade, não é o verbo que indica estado, mas o adjetivo que se encontra ligado a ele.

Agora vejamos os seguintes exemplos:

Pedro **é** feliz.

Pedro **está** feliz.

Pedro **parece** feliz.

Pedro **permanece** feliz.

De acordo com a gramática normativa, os verbos destacados acima são classificados como 'de ligação', ou seja, serviriam apenas de nexos para unir a qualidade ao sujeito. Desse modo, em todas as frases, fala-se sobre um estado de Pedro ('feliz'). No entanto,

SAIBA MAIS

Lembre-se dos principais verbos de ligação: **ser, estar, parecer, permanecer, ficar, continuar, andar.**

vemos que há diferentes nuances de sentido expressas pelo verbo. Na primeira oração, a qualidade de Pedro é apresentada como uma condição permanente (verbo *ser*); na segunda, como condição temporária (verbo *estar*); na terceira, o verbo indica a atitude do falante com relação ao que diz: não há certeza sobre a condição de Pedro: ao que parece, ele está feliz (verbo *parecer*); já na última frase, temos a felicidade como uma condição que se estende ao longo do tempo, até o presente (verbo *permanecer*). Desse modo, tais nuances de sentido são indicadas pelo **aspecto verbal**.

O aspecto verbal

Conforme Luft (1976, p. 131), aspecto é: “a categoria verbal que exprime a oposição término/não-término ou acabado/não-acabado, a duração do processo”.

Ainda de acordo com esse autor, o aspecto está relacionado ao tempo, de modo que um mesmo verbo pode apresentar aspecto distinto, conforme o tempo verbal em que se encontrar.

ALERTA

Embora as noções de aspecto e de tempo verbal se encontrem inter-relacionadas, é importante não confundi-las. O tempo exprime o momento em que se dá o fato; já o aspecto está ligado à duração do processo verbal, em que incidem as noções de começo, curso, fim e frequência.

Cunha e Cintra (2008, p. 396) afirmam que o aspecto designa “uma categoria gramatical que manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera a ação expressa pelo verbo”.

Vejam as frases abaixo:

1. Eu **cantei** naquele bar no início da carreira.
2. Eu **canto** na igreja.
3. Eu **saíra** da cidade, quando ela chegou.
4. Eu **saía** da cidade para comprar os presentes de Natal.

No caso da primeira frase, o verbo cantar, no pretérito perfeito do modo indicativo, exprime uma ação acabada, ao contrário do emprego em 2, no qual o verbo no presente indica uma ação não-terminada, que se repete. Em 3, o pretérito mais-que-perfeito aponta para uma ação completamente terminada; em 4, o pretérito imperfeito indica uma ação situada no passado, a qual se repete. Desse modo, vemos que um mesmo verbo pode ter seu aspecto alterado de acordo com o tempo em que esteja conjugado.

Segundo Luft (1976, p. 131), o aspecto pode ser expresso por meio de locução verbal (estava cantando), sufixos (-ec(er)): enrique-

cer; -ej(ar): voejar; -it(ar): saltitar), ou pela significação característica do próprio radical verbal (andar, parar, etc.).

Agora, voltemos aos exemplos com verbos de estado, acima analisados:

Pedro **é** feliz.

Pedro **está** feliz.

Pedro **parece** feliz.

Pedro **permanece** feliz.

Com relação ao aspecto verbal, Luft (1968, p. 133) nos diz que o verbo 'ser' indica estado normal, habitual, ou seja, um atributo inerente. Desse modo, apresenta **aspecto permanente**. Já o verbo 'estar' aponta para um estado passageiro, isto é, tem **aspecto transitório**. O verbo 'parecer' indica dúvida de estado, razão pela qual o autor o classifica como pertencente ao **aspecto dubitativo**. Já o verbo 'permanecer' indica continuidade de estado, razão pela qual é classificado por Luft como de **aspecto durativo**.

O quadro abaixo apresenta os chamados "verbos de ligação", classificados de acordo com o aspecto que exercem (cf. LUFT, 1968):

VERBO	ASPECTO
Ser	Permanente
Estar, andar, achar-se	Transitório
Ficar, tornar-se, fazer-se, meter-se, acabar, sair, figurar, etc.	Transitório inceptivo
Ficar, continuar, permanecer, quedar, viver, persistir	Durativo
Figurar, parecer, semelhar, etc.	Dubitativo

CONCLUSÃO

Apresentamos, nesta passagem, a definição de verbo; discutimos questões referentes aos chamados 'verbos de estado' e, finalmente, apresentamos observações importantes referentes ao aspecto verbal.

SINTETIZANDO O QUE VOCÊ ESTUDOU NESTA AULA

- Definição de verbo.
- Verbos de estado.
- Aspecto verbal.

SAIBA MAIS

Como se pode ver pelos exemplos apresentados, um mesmo verbo pode apresentar mudança de aspecto de acordo com o tempo em que estiver conjugado.

Vejamos o caso do verbo pular.

Pretérito perfeito: Eu **pulei** → aspecto pontual (a ação mostra-se acabada).

Pretérito imperfeito: Eu **pulava** → aspecto frequentativo (a ação mostra-se inacabada e se repete).

BIBLIOGRAFIA

- BASÍLIO, Margarida. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- CÂMARA JR. Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1975.
- _____. **Dicionário de Linguística e Gramática**. Petrópolis: Vozes, 1977.
- CARONE, Flávia de Barros. **Morfossintaxe**. São Paulo: Ática, 1991.
- CARVALHO, Castelar de. **Para compreender Saussure: fundamentos e visão crítica**. Rio de Janeiro, Ed. Rio: 1991.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.
- CUNHA, Celso Ferreira da. **Gramática da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: FENAME: 1975.
- CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. **A nova gramática do português contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- DOSSE, François. **História do estruturalismo**. V. 2. São Paulo : Ensaio, 1994.
- FERREIRA, Maria Aparecida S. de Camargo. **Estrutura e formação de palavras: teoria e prática**. São Paulo: Atual, 1988.
- ILARI, Rodolfo. O estruturalismo linguístico: alguns caminhos. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Cristina (Orgs.). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004.
- LAROCA, Maria Nazaré de Carvalho. **Manual de morfologia do português**. Campinas: Pontes; Juiz de Fora: UFJF, 1994.
- LUFT, Celso Pedro. **Moderna gramática brasileira**. Porto Alegre: Globo, 1976.
- _____. **Gramática resumida: explicação da Nomenclatura Gramatical Brasileira**. 9. ed. Porto Alegre: Globo, 1979.
- MACAMBIRA, José Rebouças. **A estrutura morfo-sintática do português**. São Paulo: Pioneira, 1978.
- MONTEIRO, José Lemos. **Morfologia portuguesa**. Campinas: Pontes, 2002.

- PEZATTI, Erotilde Goreti. O funcionalismo em linguística. In: MUS-SALIN, Fernanda; BENTES, Anna Cristina (Orgs.). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004.
- ROCHA, Luiz Carlos de Assis. **Estruturas morfológicas do português**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 19. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1978.
- ROSA, Maria Carlota. **Introdução à morfologia**. São Paulo: Contexto, 2000.
- SACCONI, Luiz Antonio. **Nossa Gramática: teoria e prática**. 27. ed. São Paulo: Atual, 2001.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Trad. De Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein, São Paulo: Cultrix/USP,1972.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta de ensino para o ensino de gramática**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- VILELA, Mário. **Gramática da língua portuguesa**. Coimbra: Almedina,1995.
- ZANOTTO, Normélio. **Estrutura mórfica da língua portuguesa**. Rio de janeiro: Lucerna, Caxias do Sul: Educs. 2006.